



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LARA DAYANNE DE ALMEIDA MARTILIANO

LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: Uma análise do livro “A
menina que amava futebol”

Maceió - AL
2025

LARA DAYANNE DE ALMEIDA MARTILIANO

LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: Uma análise do
livro “A menina que amava futebol”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de licenciada em Pedagogia pela
Universidade Federal de Alagoas -
CEDU/UFAL .

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Cristina
Silva Silva.

Maceió - AL

2025

**LARA DAYANNE DE ALMEIDA
MARTILIANO**

LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: Uma análise do livro “A Menina que amava futebol”

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: _13_/_08_/_2025_.

Orientador/a: Profa. Dra. Luíza Cristina Silva Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Prof./a. _____

(CEDU/UFAL) Presidente: **Profa. Dra. Luíza Cristina
Silva Silva**

Prof./a. _____(UEMG)

2º. Membro: **Profa. Ms. Tawani Mara de Sousa Paiva (UEMG)**

Prof./a. _____(CEDU/UFAL)

3º. Membro: **Profa. Dra. Jeane Félix da Silva (UFAL)**

LITERATURA INFANTIL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: Uma análise do livro “A menina que amava futebol”

Lara Dayanne de Almeida Martiliano¹

Luiza Cristina Silva Silva²

RESUMO

O presente estudo investiga a contribuição da Literatura Infantil para a formação crítica e consciente das crianças em relação às questões de gênero. Utilizando uma abordagem qualitativa, a metodologia baseia-se na análise de conteúdo do livro “A menina que amava futebol”, de Ilan Brenman, selecionado por sua relevância em abordar a desconstrução de estereótipos. A pesquisa analisa como a obra favorece o respeito à diversidade e discute padrões de gênero no ambiente escolar. Os resultados indicam que a literatura infantil, por meio de narrativas como a da protagonista Ana, pode servir como uma ferramenta didático-pedagógica eficaz para romper com o binarismo de gênero e os estereótipos sociais. O livro mostra o desafio de uma menina ao adentrar um espaço tradicionalmente masculino, o futebol, e a posterior aceitação por seus pares, evidenciando como a infância é um período crucial para a construção de identidades. Conclui-se que a educação, desde a primeira infância, tem o papel fundamental de promover uma sociedade mais igualitária, onde a literatura infantil se destaca como um recurso para fomentar o respeito, à liberdade e a equidade, formando cidadãos críticos e conscientes das diversidades.

Palavras-chave: Gênero; Literatura Infantil; Futebol; Educação; Estereótipos

ABSTRACT

This study investigates the contribution of children's literature to the critical and conscious development of children regarding gender issues. Using a qualitative approach, the methodology is based on content analysis of the book "The Girl Who Loved Football" by Ilan Brenman, selected for its relevance in addressing the deconstruction of stereotypes. The research analyzes how the work promotes respect for diversity and discusses gender patterns in the school environment. The results indicate that children's literature, through narratives like that of the protagonist Ana, can serve as an effective didactic and pedagogical tool for breaking gender binarism and social stereotypes. The book shows the challenge a girl faces when entering a traditionally male space, football, and the subsequent acceptance by her peers, highlighting how childhood is a crucial period for the construction of identities. It is concluded that education, from early childhood, has the fundamental role of promoting a more egalitarian society, where children's literature stands out as a resource to foster respect, freedom and equity, forming critical citizens who are aware of diversity.

Keywords: Gender; Children's Literature; Football; Education; Stereotypes.

1. INTRODUÇÃO

A construção da identidade da criança pequena é um processo complexo, profundamente influenciado pelas orientações curriculares e pelas práticas pedagógicas no ambiente escolar. Nesse contexto, é fundamental que o currículo da Educação Infantil contemple e promova discussões que contribuam para a formação de identidades culturais,

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: lara.martiliano@cedu.ufal.br

² Professora Adjunta do Centro de Educação (CEDU/UFAL). E-mail: luiza.silva@cedu.ufal.br

raciais e de gênero. A força da linguagem no meio educacional, especialmente por meio da educação literária, emerge como um potente recurso para abordar as complexas questões de identidade de gênero.

A Educação Infantil, etapa crucial da escolarização, utiliza a ludicidade para facilitar a aprendizagem e o convívio social, elementos essenciais para o início da construção identitária. Nesse cenário, a Literatura Infantil, aliada à contação de histórias, revela-se uma valiosa ferramenta didático-pedagógica. Ela oferece às crianças a oportunidade de reflexão e auto identificação, permitindo-lhes explorar características, gostos, sentimentos e culturas presentes nas narrativas, sempre de forma lúdica e estruturada.

A desconstrução de preconceitos de gênero no ambiente educacional é uma necessidade urgente na sociedade atual (Cadeira, 2018). O espaço escolar é onde as crianças passam grande parte do dia e iniciam seu convívio social, tornando-se, portanto, um local estratégico para essa mudança. Esse processo de desconstrução é crucial para a formação de uma sociedade mais democrática, como aponta a autora, pois desloca o foco de uma visão masculinizada e busca construir uma comunidade onde todos têm voz e vez, respeitando suas especificidades e características individuais e coletivas.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo principal investigar como a Literatura Infantil pode contribuir para a formação crítica e consciente das crianças em relação às questões de gênero. Para isso, buscará: 1) analisar como essas relações são abordadas no livro “A menina que amava futebol”, de Ilan Brenman; 2) identificar de que maneira o livro pode favorecer o respeito à diversidade; 3) compreender como a literatura infantil pode colaborar com a desconstrução de padrões estereotipados de gênero no ambiente escolar; e 4) constatar a importância de utilizar a Literatura Infantil como recurso didático para promover as discussões de gênero, visando uma sociedade com maior equidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil é a etapa inicial da Educação Básica, tendo como objetivo garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, assegurando a qualidade do ensino e respeitando as diversidades culturais, sociais e regionais. Além de promover o conhecimento, essa etapa proporciona experiências fundamentais — como brincar, explorar, conviver, conhecer e expressar-se — que contribuem significativamente para a formação humana e para o exercício da cidadania, formando indivíduos críticos, responsáveis e comprometidos com suas atitudes e valores (Brasil, 2018).

A literatura infantil, por sua vez, é um recurso didático-pedagógico essencial para os avanços nas aprendizagens da criança. Podendo auxiliar na formação de valores e no desenvolvimento do pensamento crítico dos pequenos aprendizes, visto que é composta por obras infantis, com temas lúdicos, linguagem acessível e, geralmente, acompanhadas de ilustrações. Destacando-se enquanto recurso relevante para o desenvolvimento da oralidade e da escrita do aprendiz, incentivando o gosto pela leitura, além de estimular a imaginação, a criatividade e a criticidade (Coelho, 2020). No entanto, as histórias infantis não são permeadas apenas de fantasias e encantamentos, pois trazem em si, impressas sutilmente ou mesmo de modo explícito, marcas das realidades vividas/experienciadas socialmente, como afirma Freitas (2018)

[...] histórias voltadas para crianças não se constituem só de encanto e diversão, elas também produzem sentidos sobre o mundo e as coisas do mundo; ensinam sobre raça/etnia e gênero; instituem normas e governam condutas. Ensinam modos de ser, de agir, de pensar, de desejar, de olhar para si e para o outro. Disputam espaço com discursos provenientes das mais diversas esferas (familiar, escolar, religiosa, política...) para a produção de saberes e de sujeitos. (Freitas, 2018, p. 115)

O modo como a leitura influencia a vida de uma criança no contexto educacional vai além do ouvir histórias e do entretenimento, uma vez que ela atua como uma poderosa ferramenta pedagógica, na qual a criança tem contato com histórias que ampliam seu vocabulário, constrói uma noção de mundo, desenvolvem habilidades de comunicação e compreendem melhor a linguagem oral (Coelho, 2020).

Criada com o objetivo de divertir, despertar o gosto pela leitura e a imaginação em crianças, a literatura infantil foi elaborada por adultos, com o intuito de repassar e alimentar modelos, normas e práticas de comportamento. Além disso, ela permite reorganizar as noções de mundo e sociedade, agindo não só como um instrumento de formação, mas também de manipulação social. (Cademartori, 1986; Wilke, 2008, apud Barbosa 2020, p. 10)

Ao apresentar personagens, enredos e comportamentos marcados por estereótipos de gênero que, de acordo com Scott (1995, p.15) “gênero é uma construção social: é a forma como as diferenças entre os sexos são simbolizadas, interpretadas e organizadas nas diferentes culturas.”, a literatura infantil molda, desde cedo, a percepção das crianças sobre os papéis sociais. Ela reproduz construções culturais de gênero ao atribuir significados às diferenças corporais e reforçar o binarismo, induzindo à ideia de que “marcar a diferença entre o comportamento de meninas e meninos é também uma forma de alimentar modelos com os quais elas e eles devem se identificar para serem percebidas(os) como mais femininas ou mais masculinos (Beleli, 2010, p. 51)”.

Nas narrativas infantis é fácil identificar os personagens femininos e masculinos, pois cada um é retratado com características que evidenciam padrões de sexualidade e os papéis tradicionalmente atribuídos a cada gênero. Como aponta Carvalho (2009, p. 13), “os contos infantis, assim como os livros didáticos e as brincadeiras, colaboram para a fixação de estereótipos de gênero, ao associarem certos comportamentos e características às meninas ou aos meninos, de forma repetitiva e naturalizada”. Os livros voltados ao público feminino geralmente trazem contos de fadas, princesas, elementos delicados, na cor rosa, com bonecas, acessórios, cuidados com a beleza e, principalmente, atividades domésticas — reforçando os papéis tradicionais associados às meninas. Já para o público masculino, predominam capas com heróis, personagens que demonstram força, capacidade de resolver problemas, habilidade com esportes como o futebol e o uso de objetos como carros, bolas e ferramentas — brinquedos que reforçam o comportamento esperado dos meninos desde a infância (Barbosa, 2016).

Gênero tem sido cada vez mais usado para referir-se a toda construção social relacionada à distinção e hierarquia masculino/feminino, incluindo também aquelas construções que separam os corpos em machos e fêmeas, mas indo muito além. As diferenças ou semelhanças entre os sexos e as interações e relações de poder entre homens e mulheres são apenas parte do que é abrangido pelo conceito de gênero assim definido. E, por outro lado, elas mesmas não podem ser inteiramente explicadas apenas nesse âmbito, pois estão sempre articuladas a outras hierarquias e desigualdades de classe, raça/etnia, idade etc.” (Carvalho, 2009, p. 12)

Os padrões de gênero impostos pela sociedade, presentes em grandes partes das leituras infantis, podem impactar significativamente a construção do processo de formação da personalidade e aprendizado dos pequenos. Por se tratar de uma fase de descobertas, estas podem afetar suas atitudes e escolhas, onde os estereótipos podem ser absorvidos como normas, diferenciando o que seriam “coisas de menina” e “coisas de menino”.

A escola, como provedora da educação social, tem a função de desconstruir os padrões que reforçam o binarismo de gênero, buscando transmitir não apenas conteúdos acadêmicos, mas também formações sociais e morais, ensinando as crianças a conviver, respeitar as diferenças e construir sua própria visão de mundo. Como afirmam Vianna e Finco (2009), “compreender a construção do gênero a partir do âmbito educacional permite investigar as técnicas utilizadas para a manutenção dos padrões heteronormativos, isso desde a educação infantil, distinguindo corpos, habilidades, gostos e comportamentos”.

Enquanto instituição social responsável pela formação de sujeitos críticos e autônomos, a escola desempenha um papel fundamental nos processos de desenvolvimento social. Para isso, utiliza-se de didáticas e métodos que são sistematizados e organizados a

partir do currículo escolar, com o objetivo de assegurar que o processo educativo esteja pautado por princípios coletivos, e não condicionado às perspectivas ou crenças individuais dos educadores. O currículo, nesse contexto, é compreendido como um documento orientador que articula os conteúdos, saberes e competências a serem desenvolvidos, garantindo a intencionalidade pedagógica e a coerência entre teoria e prática. De acordo com Pasqualini (2019, p. 3), “na ciência pedagógica, tais tarefas correspondem respectivamente aos campos do currículo, que se dedica ao problema dos conteúdos de ensino (o que ensinar), e da didática, que trata do problema das metodologias de ensino (como ensinar).”

Neste contexto, compreende-se que o currículo exerce um papel central como instrumento da ação educativa, funcionando como um guia que orienta e fundamenta as decisões pedagógicas no ambiente escolar. Sua elaboração não é um ato neutro ou meramente técnico, mas responde a demandas internas da prática pedagógica e às exigências da prática social mais ampla. Como afirma Pasqualini (2019, p. 5), “a elaboração do currículo aparece, em sentido específico, como necessidade interna da prática pedagógica e, em sentido amplo, como necessidade colocada pela prática social global.” Complementando essa perspectiva, Saviani (2003, p. 15) enfatiza que “o currículo é, pois, uma mediação entre a prática social e a prática escolar; é o elo que permite à escola realizar, de forma sistemática e metódica, a mediação entre o saber elaborado e o saber a ser apropriado pelos alunos.” Assim, o currículo assume uma função estratégica, articulando os conhecimentos socialmente produzidos às necessidades formativas dos sujeitos, de modo a possibilitar uma educação comprometida com a transformação social.

Entendemos, portanto, que a Literatura Infantil é um elemento importante para as práticas educativas e precisa estar presente no currículo escolar, uma vez que tem por função, além de integrar a criança no mundo literário e leitor, facilitar a abordagem de pautas sociais complexas, de forma lúdica e adequada à faixa etária do público infantil.

3. METODOLOGIA

A seleção do livro *A Menina que Amava Futebol* foi orientada pelo método de análise de conteúdo, considerando aspectos relacionados à construção de gênero. Segundo Scott (1995), o gênero deve ser compreendido como uma construção cultural atravessada por relações de poder que organizam e hierarquizam as diferenças corporais.

A obra foi escolhida sob a influência de uma vivência de Estágio Supervisionado em

Educação Infantil pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), onde foi observado que a brincadeira de futebol excluía as meninas, uma vez que os meninos não permitia que elas brincassem por “não saberem jogar bola”. A obra apresenta um contexto semelhante, no qual a protagonista desafia papéis sociais e estereótipos ao demonstrar interesse por um esporte tradicionalmente associado ao universo masculino: o futebol. Nesse sentido, o livro oferece um espaço simbólico de resistência às normas sociais que limitam as possibilidades de atuação das meninas.

Além disso, conforme apontam Louro (1997) e Garcia (2004), a escola e a cultura exercem papel central na reprodução — ou desconstrução — de discursos sobre o que significa ser menina ou menino, influenciando diretamente na construção das identidades de gênero desde a infância. Carvalho (2001) também destaca a importância de se repensar as práticas educativas e os materiais didáticos que reforçam desigualdades de gênero. Assim, a escolha da obra se justifica pela sua relevância como ferramenta de reflexão e enfrentamento das construções hegemônicas de gênero na infância.

A metodologia adotada no presente estudo tem caráter de análise de conteúdo, com abordagem qualitativa. O foco é a análise do livro de literatura infantil *A Menina que Amava Futebol*, de Ilan Brenman, selecionado pelo Plano Nacional do Livro e do Material Didático (2023–2024). Busca-se compreender de que maneira a literatura infantil pode contribuir para a formação crítica e consciente das crianças a respeito das relações de gênero. O objetivo é realizar uma análise criteriosa da forma como essas relações de gênero são abordadas na obra, identificando elementos que favoreçam o respeito à diversidade e a desconstrução de padrões e estereótipos de gênero no ambiente escolar. Com isso, pretende-se evidenciar como a literatura infantil pode ser utilizada como recurso didático para a promoção de discussões sobre gênero e equidade nas práticas pedagógicas.

4. LITERATURA INFANTIL E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO

A literatura infantil é um recurso didático de grande relevância para o desenvolvimento de discussões pertinentes frente às diferentes problemáticas sociais. Ela caminha lado a lado com a ludicidade, condicionando ambientes de aprendizagem mais prazerosos e de fácil compreensão a partir dos recursos utilizados nos momentos de leitura e interação, até mesmo de temas considerados tabus como a discussão de gênero.

De acordo com Louro (1997), o gênero pode ser compreendido como um processo contínuo de construção identitária, moldado por normas culturais e sociais que estabelecem

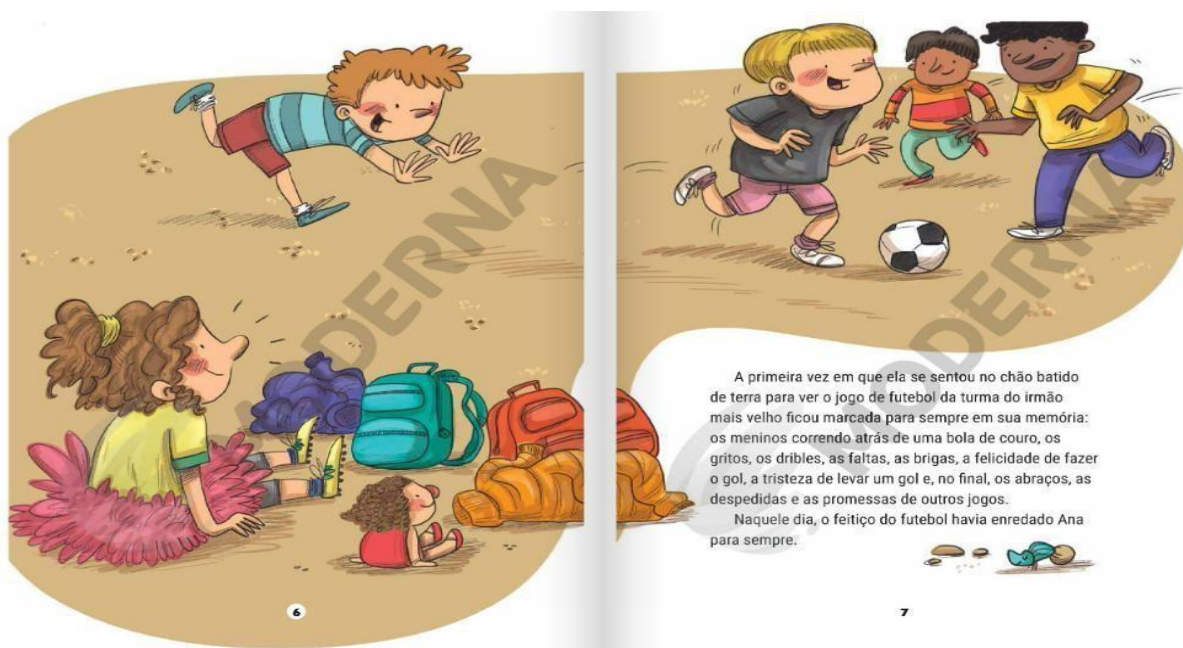
expectativas distintas para meninas e meninos, mulheres e homens. Essa construção não ocorre de forma isolada, mas é constantemente reforçada em diferentes contextos sociais, incluindo o espaço escolar. Nessa perspectiva, Garcia (2004) destaca que a escola, por meio de seus discursos e práticas pedagógicas, pode tanto reproduzir quanto questionar estereótipos de gênero, tornando-se um espaço estratégico na formação das identidades de gênero. Diante disso, este trabalho propõe a análise de três categorias fundamentais para a compreensão do conceito de gênero: o binarismo, as relações sociais e a formação da identidade, entendidas como dimensões interligadas que estruturam as experiências e percepções de gênero na sociedade.

4.1 A menina que amava futebol - Ilan Brenman

No livro *A menina que amava futebol*, de Ilan Brenman, acompanhamos a história de Ana, uma menina que descobre sua paixão pelo futebol ao observar o irmão jogando. O autor destaca características marcantes da personagem, como o uso de rabo de cavalo, brincos em forma de bola de futebol e roupas tipicamente associadas ao universo feminino como saias cor-de-rosa. As ilustrações reforçam esses elementos, mostrando Ana frequentemente acompanhada de sua boneca, o que evidencia o contraste com os meninos que são retratados de forma mais despojada e com atenção centrada no esporte. A reação dos garotos diante da presença de Ana no jogo sugere um incômodo com a quebra de expectativas de gênero, refletindo normas sociais que ainda delimitam espaços e interesses a partir do binarismo masculino/feminino. Dessa forma, a obra permite uma leitura crítica sobre os estereótipos de gênero impostos socialmente desde a infância e sobre como eles influenciam a percepção das crianças acerca do pertencimento e da formação de identidade.

Relativo ao enredo da obra de Brenman, participar da brincadeira considerada “de meninos” parece algo natural para Ana (protagonista), mas não para os meninos. Ela se encanta com o jogo e, ao observar seu irmão jogando, acha tudo muito interessante. Por já ter assistido tantas vezes, aprende as regras e propõe participar da partida. No entanto, para os meninos, a presença de uma garota no futebol ainda soa como algo fora do comum. Em diversos trechos, é possível perceber como a literatura infantil, mesmo fora dos contos de fadas tradicionais, continua reforçando estereótipos de gênero. A normatização de papéis de gênero é um processo social contínuo, iniciado já na infância, como destaca Barbosa (2016), uma vez que a construção de estereótipos de gênero é reforçada desde os primeiros anos de vida por meio de práticas culturais, sociais e educativas que delimitam comportamentos esperados para meninos e meninas.

Figura 1 - Ana conhece o futebol pela primeira vez



Fonte: a autora - 2025

É possível observar que a personagem Ana tem um universo desconhecido e encantado à sua frente, o qual deseja explorar, sentir as mesmas emoções dos meninos: empolgação, parceria, torcida, a descoberta de novas habilidades, a promessa de novos jogos, etc. Sob esse viés de descobertas, Guacira Lopes Louro (1997, p. 45) salienta que “a infância é um espaço privilegiado para a construção das identidades de gênero, onde as crianças experimentam, reproduzem ou resistem às normas sociais por meio das brincadeiras e interações cotidianas, buscando reconhecimento e pertencimento”. As ilustrações presentes na obra também são importantes para o desenvolvimento da narrativa ficcional, fortalecendo o que está escrito com a visualização dos personagens.

Nessa perspectiva, Barbosa (2016, p. 16) destaca a importância das imagens nos livros infantis ao afirmar que elas fazem parte do processo de compreensão da narrativa pelas crianças, pois estimulam a imaginação e acrescentam informações que facilitam o entendimento do texto. No entanto, como apontam Wilke (2008) e Abreu (2010), as ilustrações nos livros infantis também podem carregar elementos que reforçam estereótipos de gênero. Esta última manifesta-se em *A menina que amava futebol*, visto que as imagens apresentam Ana com características tradicionalmente associadas ao feminino, em contraste com os meninos, retratados de forma mais livre, despojada e, ao nosso ver, em trajes de livre escolha — é possível pensarmos também que Ana usa acessórios que faz parte daquilo que gosta (brincos de bola de futebol, chuteiras, a boneca que carrega consigo). Vale salientar que

as ilustrações não apenas complementam o enredo, mas também comunicam, de forma visual, papéis sociais e expectativas de gênero, contribuindo para a construção simbólica dessas identidades desde a infância.

Quando Ana pede para fazer parte do time e ouve a resposta “*Ana, esse jogo não é para você*”, essa frase evidencia como, desde a infância, somos ensinados a lidar com as diferenças de gênero e a seguir normas sociais que perpetuam desigualdades, enquadrando meninas e meninos em lugares que nem sempre se sentem pertencentes. Nesse sentido, Louro (2008, p. 22) afirma que “aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos”. Assim, compreende-se que o gênero é construído e reforçado por meio de discursos e práticas sociais que moldam comportamentos e definem lugares socialmente aceitáveis para meninas e meninos.

Esse tipo de situação evidencia como “[...] os sujeitos são ensinados a se enquadrar em padrões normativos, demarcando fronteiras do que é esperado ou não de uma menina ou menino” (Beleli, 2010, p. 61). Diante dessa realidade, cabe questionar: qual é o lugar de meninas e mulheres na sociedade? Por que não ensinar, desde cedo, que meninas podem ocupar os espaços que desejarem? Observa-se que o machismo estrutural se manifesta também na infância, por meio de falas aparentemente inocentes, mas que reverberam discursos adultos impregnados de estereótipos de gênero. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2021), estereótipos de gênero começam a se formar em crianças por volta dos seis anos de idade, impactando diretamente suas escolhas e perspectivas futuras. Além disso, a ONU Mulheres destaca que a baixa representatividade feminina em posições de liderança e destaque contribui para a limitação das aspirações de meninas em todo o mundo. Nesse contexto, a literatura infantil desponta como uma importante ferramenta de transformação social, ao permitir a construção de narrativas que rompem com modelos tradicionais e apresentem personagens femininas protagonistas, autônomas e plurais. Assim, ao ser utilizada de forma crítica e intencional, a literatura pode contribuir significativamente para a desconstrução de uma lógica sexista e para a promoção da equidade de gênero desde a infância.

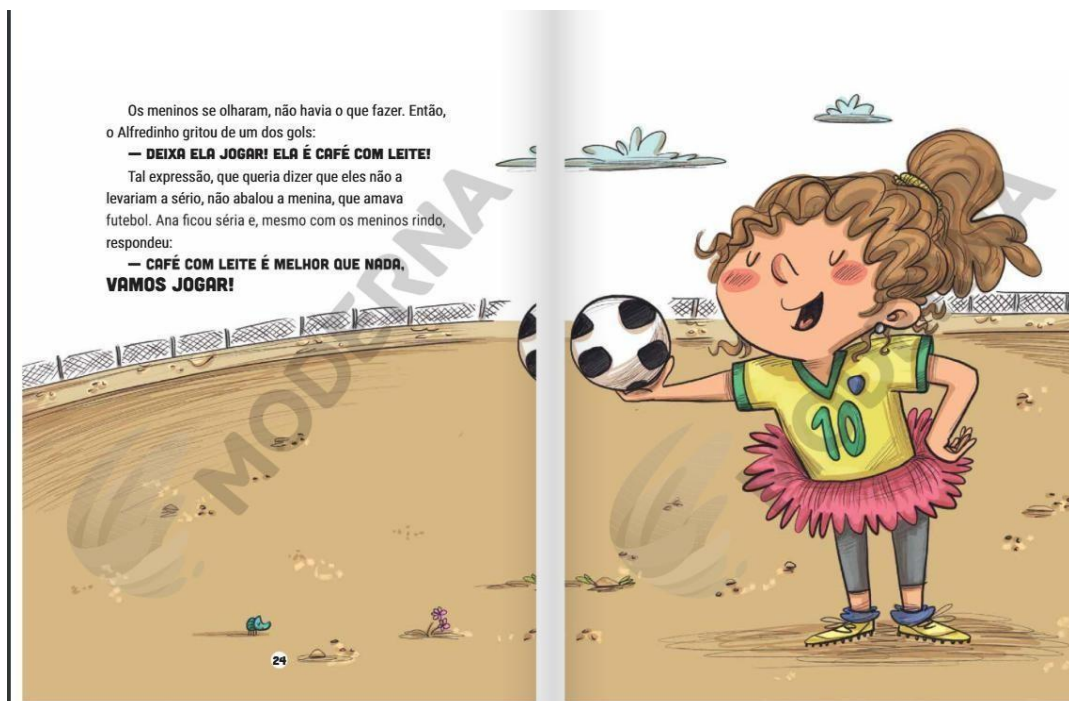
Figura 2 - Qual o lugar das meninas?



Fonte: a autora - 2025

Como podemos observar na figura 2, mesmo sem o apoio do irmão, Ana não desiste de mostrar que é capaz e, mesmo que seja, posteriormente, direcionada para a vaga de juíza — considerada mais leve e "adequada" para uma garota —, ela não se abala. Pelo contrário, fica feliz por poder participar da brincadeira e se dedica ao máximo para provar seu valor. Essa atitude reforça como, desde a infância, as meninas são frequentemente colocadas em posições secundárias, mas ainda assim se esforçam para demonstrar que têm competência para ocupar espaços e desempenhar funções tradicionalmente atribuídas aos meninos. Essa dinâmica reflete a construção social do gênero, que, como afirma Louro (1997) e Scott (1991), impõe desde cedo expectativas diferentes a meninas e meninos, baseadas em relações de poder e hierarquias sociais. A cena evidencia a luta constante das mulheres para romper com os papéis de gênero impostos socialmente e conquistar reconhecimento em contextos historicamente dominados por homens, mesmo retratando um período da infância.

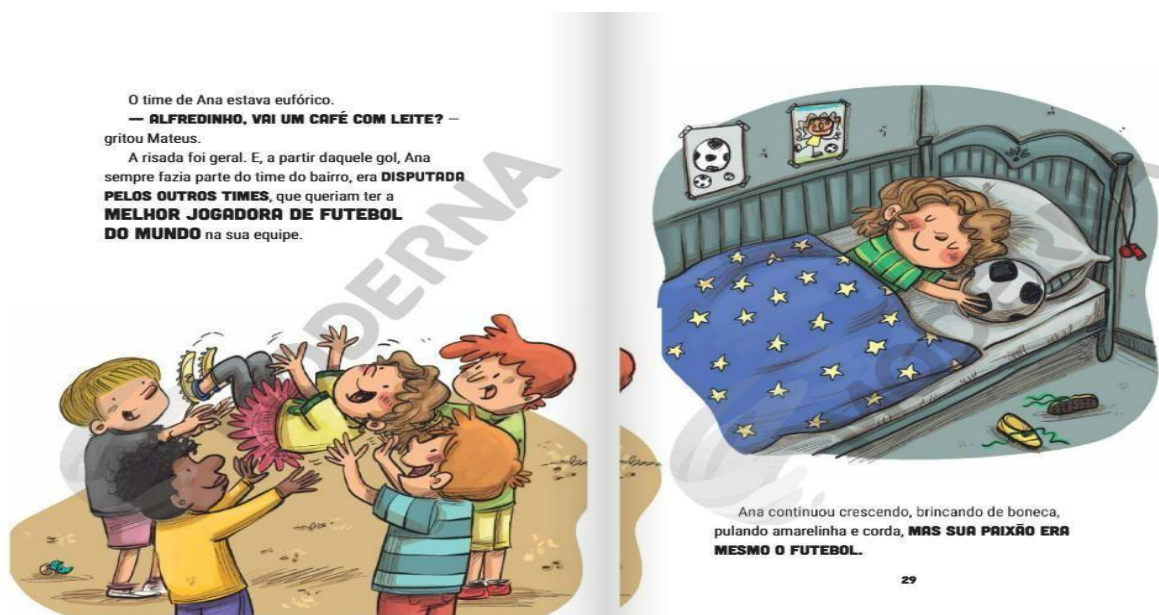
Figura 3 - Café com leite



Fonte: a autora - 2025

Embora Ana não demonstre em suas ações e expressões, a rejeição pode afetar significativamente a vida de uma criança. Ser “café com leite” significa que aquela pessoa não fará nenhuma diferença no posto em que foi alocada, deixa a entender que ela não tem habilidades suficientes e nem é capaz de as conquistar ou desenvolver. Mais uma vez Ana se mantém firme (o que é importante como representatividade para o público infantil feminino) e se posiciona para ocupar o lugar de um dos meninos do time, não dando brecha para que digam “não”, demonstrando confiança. Com isso, ela enfim participa de uma partida e mostra todo o seu talento com a bola nos pés. Os amigos de seu irmão, impressionados com a habilidade de uma menina no futebol, pedem para que ela faça parte do time, quebrando paradigmas. Esse episódio ilustra como o gênero, conforme afirma Scott (1995, p. 13), deve ser entendido como “uma categoria construída culturalmente”, que assume um papel social importante ao ser sustentado por relações de poder que reforçam o binarismo de gênero.

Figura 4 - Aceitação



Fonte: a autora - 2025

Ana, ao se sentir acolhida pelos colegas e pelo irmão no time, demonstra estar realizada, percebendo-se como uma jogadora profissional, assim como os meninos quando ela se tornou juíza, e agora disputada pelos times para jogar. Esse sentimento de pertencimento é fundamental nas narrativas infantis, pois reforça a ideia de que a sociedade tem o dever de tratar todos com igualdade e respeito, sem exclusões. As instituições que fazem parte do convívio diário — como a família, a escola, a mídia e até mesmo a religião — devem ensinar às crianças, desde cedo, que não existe justificativa para frases como: “ela é menina, por isso não pode” ou “você é homem, e homens não fazem isso”, “homem não chora”. Ilan Brenman, em *A Menina que Amava Futebol*, evidencia que a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa e um caminho para desconstruir estereótipos e promover uma infância mais livre, igualitária e feliz. O fato de as crianças serem ensinadas a agir de forma desigual traz um impacto significativamente negativo para a sociedade. Em vez de formar cidadãos acolhedores, respeitosos e dispostos a ajudar qualquer ser humano, o binarismo de gênero carrega consigo não apenas o preconceito, mas também a ideia de que existem os mais fortes e os mais fracos, os que podem e os que apenas “talvez consigam”. Trata-se de um filtro construído a partir de ensinamentos que as crianças absorvem e seguem como padrão, muitas vezes sem perceber o quanto esses comportamentos podem machucar e traumatizar os colegas. Como propõe Ilan Brenman em suas obras, é fundamental romper com esses padrões e permitir que a infância seja um espaço de liberdade, acolhimento, parceria, diversidade e respeito mútuo.

5. CONCLUSÃO

Com base nas análises e estudos realizados, observa-se que o gênero ainda é amplamente utilizado como ferramenta de distinção e separação entre as pessoas, muitas vezes articulado com outras categorias como sexo, raça e classe. A desigualdade de gênero permanece fortemente presente no tecido social, manifestando-se de diferentes formas: na exclusão de mulheres de determinados espaços profissionais, na sobreposição de privilégios associados ao homem branco, ou na limitação das vivências infantis por meio de estereótipos de gênero. Esses padrões revelam que o gênero ultrapassa a esfera cultural e social, sendo frequentemente instrumentalizado para consolidar hierarquias, normatizar comportamentos e radicalizar diferenças. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para promover uma educação mais crítica, inclusiva e comprometida com a equidade.

Desde muito cedo, a criança é orientada e influenciada por diferentes instâncias sociais, como a família, a religião e a escola. Esses ambientes, nos quais ela está inserida e com os quais mantém contato direto, desempenham um papel fundamental na construção de sua personalidade e na aprendizagem sobre como se comportar e se posicionar no meio social. Nesse processo, é essencial que a educação esteja voltada para o desenvolvimento de uma consciência crítica, que permita à criança compreender que desigualdades de gênero não são naturais, e que muitos dos padrões impostos socialmente não precisam ser reproduzidos de maneira rígida e autoritária. Promover uma formação baseada no respeito à diversidade é fundamental para romper com estereótipos e construir relações mais igualitárias desde a infância.

Diante de todas as informações analisadas, compreende-se a necessidade de contribuir para o avanço de uma sociedade mais igualitária, na qual o binarismo de gênero não seja tratado como um padrão absoluto. Onde é fundamental que se promova uma compreensão coletiva baseada na igualdade de direitos, oportunidades e relações entre todos os indivíduos, independentemente de gênero, raça ou classe. Para isso, a educação tem um papel essencial, especialmente desde a infância, ao formar sujeitos conscientes, críticos e respeitosos das diferenças. Somente por meio de uma formação voltada para a equidade será possível construir uma sociedade mais justa, plural e acolhedora para todos.

REFERÊNCIAS

- BELELI, I. Gênero: a construção social da feminilidade e da masculinidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 43-67.
- BELELI, Iara. Gênero na mídia: diferenças marcadas na publicidade. In: MISKOLCI, Richard; BELELI, Iara; MORAES, Denise (Org.). **Gênero e sexualidade: diálogos contemporâneos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-72.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 2000.
- CADEIRA, Maria Carolina da Silva. Relações de gênero no currículo da formação de professoras para alfabetização: uma análise do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). In: **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 53-71.
- CARVALHO, Marília Pinto de. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Brasília: MEC/SECAD; Rio de Janeiro: CEPESC; Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2009. p. 11-17.
- GARCIA, Rita Terezinha Schmidt. A construção da diferença e da desigualdade na escola: gênero e práticas pedagógicas. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 55-76.
- LOURO, G. L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.
- FREITAS, Maria Tereza de. Literatura infantil, leitura e produção de subjetividades. In: REBELATTO, Daisy; ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2018. p. 109-122.
- OCDE – **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence. Paris: OECD Publishing, 2015. ONU MULHERES. Progressos e desafios na igualdade de gênero: relatório 2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- PASQUALINI, Juliana Campregher. **Três teses histórico-críticas sobre o currículo escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 45, e214167, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. Revista Educação & Sociedade, v. 26, n. 91, p. 725-751, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000300004>. Acesso em 22 de jun. de 2025.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009.

